

sonatas arbóreas  
ordep serra

## **SONATA ARBÓREA NÚMERO 1**

*Para Débora Nunes e Emerson Sales.*

Sempre gostei de contemplar as grandes árvores. Tenho passado bons momentos sob sua sombra. Criei amizade com várias delas. Já dediquei um poema a uma paineira, que chamei de Maria Clara. Ela tem uma personalidade luminosa. Era bem jovem quando a conheci, há coisa de cinco décadas, e ainda tem jeito de menina-moça. A mais antiga paineira que conheço, viçosa há mais de um século, nada tem de velha. Brinca feito menina de espalhar sua paina, como se fossem os cabelos brancos a que renunciou para sempre. Já fazia isso na primeira adolescência. Maria Clara confirma: dura séculos a brincadeira infantil de sua gente.

Mangueiras me encantam desde a infância. Em seus palácios barrocos vive a graça maternal, forte e acolhedora. A sombra que elas dão já é nutritiva. As de Salvador são mães de santo poderosas, de seios fartos. As de Belém são catedrais. Bendito é o fruto dessa árvore santa. A manga espada corta os dissabores. A manga rosa tem o charme dos jardins, esconde uma leira na sua polpa. A bela carlota provoca doces arrepios, convida aos beijos.

Muitas árvores se enraizaram profundamente na minha memória. Sua beleza me abençoou em diferentes momentos da vida. Algumas se destacam por sua atitude impecável. De muitas recordo o gesto solene, glorioso, capaz de dar sentido a uma paisagem. Sem sua dança divina, quase imóvel, lugares podem desaparecer.

Conheço árvores carinhosas, enérgicas, sisudas, joviais, com temperamentos distintos. Muitas me conquistaram por seu jeito cordial, sua natureza amável. Outras me seduzem por seu estilo caprichoso, ou me conquistam por seus modos sérios de matrona, sua perfeita dignidade. Algumas combinam modos graves e sentimento jocoso.

Guardo a emoção que senti, ainda criança, ao ver pela primeira vez um bode trepado num umbuzeiro, saboreando as frutas verdes. Me fez a impressão de um sacerdote num rito solene, mas engraçado. Não esqueço a beleza da cena bizarra.

Umbuzeiros são muito espirituosos. Venero esses risinhos anjos do sertão, que brindam com humor seus frutos ácidos. No mundo árido, eles fazem par com os juazeiros, que têm a mesma alegria impossível, desafiadora. (As cabras também os adoram).

Respeito muito as gameleiras, com seu ar solene, de profundo mistério. Namoro as graciosas baraúnas. A sabedoria das jaqueiras me impressiona profundamente. As árvores de fruta-pão têm um jeito carinhoso de babás, amáveis e generosas. Os sapatizeiros também, só que acordam mais cedo.

O cajueiro é de circo. Pode embriagar muito mais que a cachaça das batidas. Inúmeros bêbados já tentaram explicar-se, depois de estranhos desvarios, balbuciando inutilmente: “Foi o caju”.

Nada mais bonito que os ipês com suas roupas de baile. Gosto das buganvílias coquetes, das acácias sedutoras, do jacarandá luminoso com seu roxo amor ao espetáculo e sua mística. A quaresmeira, apesar do nome, está sempre disposta a um carnaval. As sucupiras são atrizes, sempre reclamando aplausos. Aprecio muito seu penteado.

A caviúna do cerrado tem jeito de mulher rendeira. Quando se enflora, dana-se a cantar. Nem todos a ouvem, mas sua cantiga é muito bonita. A belaingarana é uma soprano lírica, mestra de muitos pássaros.

Todos se alegram quando a cajazeira acende suas lâmpadas. Ela adora festas. Árvore perdulária, joga com alegria seus frutos luminosos ao chão, com a graça incontrolável de quem dissipa fortunas.

A imponência do jequitibá e das grandes castanheiras, a serena força do mogno e a majestade do pau ferro me impressionam profundamente. Esses gigantes da floresta se acham entre os mais belos dos arcanjos pousados no seio da Mãe Terra. Já o cedro, seja do Líbano ou do Brasil, é com certeza um serafim.

É preciso ter coração muito duro para não se comover com as lágrimas douradas de um salgueiro em flor. Seu pranto verde também contempla as dores do mundo, vale por muitas elegias. Quando encontro um desses beatos no meu caminho, rezo logo: *ora pro nobis*.

Os ciprestes italianos me encantam por sua graça esguia, tão elegante que até nos cemitérios fazem pensar em Vênus. Gostei de vê-los em Roma, onde não tinham cara de enterro. Em pleno dia, apontavam às estrelas. Mas nos jardins de gente esnobe eles me parecem constrangidos. Não gostam de ser tratados como lacaios.

Seria longa a ladainha se eu fosse falar das belas senhoras verdes que conheci nos remanescentes da nossa mata atlântica, paraíso de uma saudade incurável. Quanto às soberanas amazônicas, tenho sua imagem comigo, mas de quase todas ignoro os nomes: minhas poucas incursões na grande hiléia e meu despreparo botânico me condenaram a amar deusas anônimas. Em todo o caso, boas lembranças me ficaram.

Guardo com fervor o que aprendi no Xingu sobre o mistério dos pequizeiros eróticos, com sua deliciosa armadilha. Hoje associo o fruto malicioso às coisas boas da vida, ao perigo sempre desejado, ao insuspeito charme do Deus Jacaré. Graças aos sábios xinguanos, ainda sonho, também, com a grande árvore que guardava em seu tronco todas as águas do mundo. Acho difícil me convencer de que ela não existe.

Admiro as árvores do mangue, que se debruçam com doce volúpia sobre águas fecundas. São muito generosas essas pastoras de caranguejos. Não me esqueço dos oitizeiros de minha terra que escondiam no relvado seus ovos amarelos, sem se importar com a ironia dos pássaros.

Meus amores vegetais não cabem numa crônica. Deriva de graças inesquecíveis.

Quem nunca se apaixonou por uma árvore não conhece ainda o amor. Homem sem essa experiência não está preparado para o encanto das belas mulheres. Não desfrutará como se deve o corpo subitamente selvagem que lhe pede para enraizar-se; não sentirá o frêmito de invisíveis folhas num vendaval delicioso, nem provará em lábios sequiosos o sabor de inúmeras frutas. Não está pronto para as melhores dádivas.

Descendo de bugres místicos e de portugueses sonhadores, porém os antepassados mais próximos de meu coração, confesso logo: são negros da Costa, adoradores de árvores, com quem ainda falo em meus delírios. São eles que me me fazem compor sonatas arbóreas.

## SONATA ARBÓREA NÚMERO 2

*Para o Mavó Adelson*

Uma das riquezas da Cidade de Salvador está nas árvores sagradas que ela ainda tem, preservadas graças ao zelo do *povo de santo*, como chamamos aqui os adeptos do candomblé. De acordo com essa gente inspirada, todas as árvores participam do sagrado, mas algumas estabelecem com o divino uma ligação especial. Não é comum dizê-lo assim, mas elas *dão santo*. No dialeto dos terreiros, a expressão “dar santo” indica o transe entusiástico. Usa-se para falar do arrebatamento em que homens e mulheres são possuídos pelos deuses. Segundo a crença de meu povo negro, certos vegetais podem incorporar o divino. Quem conhece os segredos místicos é capaz de sentir que uma árvore está entusiasmada. Ao reconhecer os sinais de uma augusta presença em um espécime privilegiado, sacerdotes dos terreiros tratam de fazer a iniciação da verde criatura, para que ela desenvolva sua carreira mística, distribuindo bênçãos à gente humana. Depois dos ritos de *assentamento*, o *orixá* (ou *vodum*, ou *inquice*) que se instalou no corpo arbóreo fica acessível aos fiéis. O transe do vegetal é permanente, dura por toda a sua vida. Vai além: nos terreiros, quando uma árvore consagrada tomba, é de praxe o plantio de uma substituta, que então se santifica.

Na cosmologia de grandes civilizações negras, árvores servem de instrumento conceitual para pensar o mundo. Com a potência intuitiva de sua imagem, elas relacionam domínios do cosmo, ligam o visível ao invisível. Constituem um recurso simbólico para indicar o enlace das dimensões opostas do universo: mostram, ao mesmo tempo, sua separação e sua secreta união. É assim no pensamento africano de nossos antepassados, preservado na diáspora.

Conta o povo de santo da Bahia que nosso mais antigo templo do rito *ketu* floresceu no seio de uma árvore, um *iroco* majestoso. *Ketu* é nome de um antigo reino nagô, ligado ao império de Oió. Segundo a tradição, no Centro Histórico de Salvador, na Barroquinha, uma prodigiosa planta abrigou em seu tronco um candomblé. Assim Oió e Ketu tiveram um renascimento místico na áspera terra do exílio.

Para a gente iorubana, o nome *Iroko* designa, ao mesmo tempo, uma divindade e uma espécie vegetal, a *Chlorophora excelsa*. Entre seus vizinhos de língua fon, o nome *Loco* tem os mesmos significados. Em nossa terra, o termo *Iroco*, assim como *Loco*, continua a ser um teônimo, mas o deus se transferiu para a etnoespécie das gameleiras, que abrange várias espécies da botânica de Lineu. Tanto no Brasil como nos países africanos de onde nos veio esse culto há outras árvores sagradas, porém a que recebeu esses nomes (*Iroco*, *Loco*) goza de um status soberano: é considerada a mais excelsa de todas. A sagração ampliou-se: nossas gameleiras, além de substituir a

irmã da África Ocidental, aqui se tornaram, também, *assento* de uma divindade da África sub-equatorialiana, cultuada no candomblé de rito angola: *Tempo (Ndembu)*.

Essas belas criaturas me intrigam. No sertão, colhendo depoimentos de pessoas que nada sabiam de candomblé, de Iroco, de Ndembu, constatei que um certo temor religioso envolve as gameleiras. Acredita-se que elas abrigam *visagens*, que sob sua copa se reúnem almas errantes. Explicam os sertanejos que nem todas as gameleiras têm essa vocação. Mas vá lá saber qual é a ingênua, qual é a fantástica.

Em meio ao povo de santo, fala-se que a árvore de Iroco acolhe almas de defuntos e outros espíritos. Perigosas feiticeiras que se transformam em pássaros podem ocultar-se na sua folhagem, nas horas sombrias. Talvez a relação com almas de falecidos tenha a ver com a lembrança do costume africano de sepultar mortos no tronco dos irocos ou no seio de baobás (que, por sinal, têm a mesma fama). Essas árvores por vezes formam ocos. E são muito envolventes. Iroco sedia de preferência os *abicu*, os espíritos de crianças que se recusam a nascer, ou deixam este mundo pouco depois do nascimento.

Embora a divindade arbórea chamada Iroco seja considerada masculina, bem se vê que tem índole maternal. Há mitos em que o deus árvore busca apossar-se de uma criança que um voto mal proferido lhe dedicou e só a devolve à mãe quando lhe fazem a oferenda de um substituto, um menino de pau. Mas esse deus também provê crianças, se devidamente propiciado. Sua árvore está sempre grávida de nonatos, que precisam ser seduzidos para a vida. Reza-se a Iroco para fazê-los vir ao mundo. Sua árvore é uma estranha espécie de maternidade, um limbo pré-natal. As pessoas que na África sepultavam seus mortos nos troncos sagrados evidentemente queriam devolvê-los ao útero misterioso da vida. Eram plantados, esses defuntos. Me agrada pensar que nossos antepassados ainda florescem na copa do deus.

Iroco / *Loco* também se encarna em gente humana. Me lembro com saudade de duas *filhas* da bela árvore, que nelas dançava: Mãe Nicinha do Bogum e Ebomin Cidália, do Gantois. Eram negras generosas, meigas, ricas de uma doce majestade, senhoras de flôreo sorriso e mãos frutíferas. Muita gente se acolheu a sua sombra protetora.

*Ndembu*, ao chegar a nossa terra, se assenhoreou do tempo: juntou às suas as folhas do calendário. Suas gameleiras são navios que deslizam no rio das horas, embora pareçam imóveis aos olhos desatentos.

O "pé de Loko" não é nossa única árvore sagrada. Há outras. Em solenes jaqueiras se entroniza a divina Apaoká, misteriosa mãe do Anjo Caçador. A bela deusa costuma receber abraços de seus devotos no último dia do ano. Assim os abençoa, assim os purifica. O vodun Azonodô é tanto árvore como serpente. Na forma vegetal, assume-se acácia.

Não vou estender-me na relação da flora divina. Os deuses africanos que a gente cultua gostam de plantar-se em árvores — e cada qual tem sua preferência. Alguns variam, mudam de sede, têm mais de uma espécie pronta a fazer-se *cavalo de santo* para sua manifestação.

Em fotos aéreas de Salvador, é fácil identificar terreiros pelo verde que preservam, pelas árvores que constituem seus monumentos vivos. Sem o candomblé, nossa cidade estaria muito mais devastada. A ganância das imobiliárias e a irresponsabilidade de gestores parvos têm reduzido brutalmente as áreas verdes e produzido na capital baiana uma perversa desarborização. Nossos dirigentes entendem que urbanizar é cimentar. Sepultam rios e aterram lagos, substituem gramados por sinistras toalhas de concreto. Na Boa Terra, não prevaleceu a sabedoria do povo de santo. Comunidades de candomblé facilmente se vêem erradicadas, expulsas, têm seus terrenos tomados, suas árvores santas derrubadas. Sofrem esbulhos dos poderosos e ataques dos intolerantes. Com isso, a bela cidade de Salvador perde muito de sua graça: está a expulsar os encantados.

## SONATA ARBÓREA NÚMERO 3

*Para Paulo Ormino*

Meu caro amigo Paulo Ormino detectou uma lacuna em minhas sonatas arbóreas: nelas está faltando uma figura indispensável. Reconheço. Acolho a advertência de seus olhos agudos. Em minha defesa, só posso dizer que não houve esquecimento, só uma pequena demora. Como esquecer as palmeiras, as mais elegantes filhas da Terra? Eu seria ingrato se não lhes desse o merecido destaque.

Um grupo me espia agora mesmo através da janela, numa solene expectativa. São jovens altivas, de uma beleza desafiadora, a lançar-se para o alto desde um barranco íngreme, numa atlética ascensão. A mais longínqua tem porte de rainha entronizada há muito: domina com serenidade o reverente arvoredado a seu redor. Todas se mostram seguras de si, conscientes de seu poder. Sabem há muito do amor que dedico a sua imensa, variada estirpe. Feiticeiras suaves, de modo instantâneo elas se multiplicam a meus olhos e guiam meu coração pelas veredas do tempo.

O aceno mágico da imperial moradora do morro próximo num relance a converte na primeira dama de sua espécie que marcou minha retina: uma nobre senhora radicada na cachoeirana Rua da Ponte, onde nasci. Minha saudade contempla a dançarina de poucos gestos, arrebatadora, por cujo tronco meus sonhos de criança subiam ao céu. Seu bailado quase imóvel me leva a meandros radiosos do Recôncavo e prossegue através dos campos gerais. Já alcança a Chapada Diamantina e o grande sertão, onde muitas de suas irmãs vêm a meu encontro. Me espanta sua variedade, a acentuar-se no devaneio que as torna ubíquas. Já não sei onde estou: na Bahia, em Minas, em Goiás, em Sergipe? Contemplo nos Palmares a augusta metamorfose da lança de Zumbi. Outras a repetem de norte a sul. Sua vibração me embriaga. Tomando para si minha memória em desvario, as magas de verde cocar se espalham pelo vasto mundo. De onde são estes vales e serras que círios verdes iluminam? Minhas condutoras se divertem misturando tempos e lugares na viagem extravagante.

A trilha que elas me desenham acompanha agora o colear de grandes rios. Perco-me em seus espelhos. Desemboco, por fim, numa das sacristias do São Francisco. Assustadas, as belas princesas agitam seu leque e tomam o pulso enfraquecido da correnteza amiga.

Retorno ao pé da minha conterrânea, ribeirinha do Paraguaçu. Em sua honra recito de novo, desajeitado, versos ingênuos de um poeta quase esquecido. Ela os acolhe com benévola ironia. Não, sabiás nunca se aninharam no seu leque, nem usam para concertos o elevado palco de sua estipe. Mas é razoável associar os dois encantos, ela ensina.

Justificado o poeta, a dama generosa me explica em silêncio porque fez de Paulo Ormino o portador de seu recado. Sendo um dos nossos arquitetos mais inspirados, senhor de rica imaginação,

tesoureiro de um patrimônio de artes e paisagens, Paulo sabe como ninguém apreciar a grata imponência das colunas vivas geradas por nossa terra: elas são capazes de tornar em templo qualquer espaço onde se ergam. Eu o comprovo caminhando levemente, na minha memória embriagada de verde, pelo Jardim Botânico do Rio de Janeiro, entre alas formadas por imperatrizes. Bastariam elas para prover um irresistível encanto ao sítio, que encerra abundante fortuna vegetal.

Mas volto ao sertão vertiginoso. Através de uma revoada melódica que seu verbo sopra em minha lembrança, o encantado Guimarães Rosa faz voltar-se meu olhar para a graça dos buritis e revela a meus ouvidos em transe sua alta filosofia. O vento repete nos leques verdes o mote sibilino que o "poeta prosa" decifrou: *eu sei e não sei*. Tomo nota, lição de aula tão bonita não se pode perder. O impecável tradutor se afasta sob o disfarce lírico de um manuelzinho da croa e as macaúbas risonhas levam-me ao recreio. Em seu adorável cortejo encontro belas senhoras grávidas — as meigas barrigudas — ao lado de lépidas amigas e de matronas suaves com seus frutos no colo. Mais adiante, suas primas sedutoras me chamam de modo irresistível. Fico a admirar o penteado barroco e a esguia altivez das carnaúbas, até que outro apelo me alcança. Vem do alto de generosos coqueiros, de que diviso grandes batalhões conquistando campos sem fim. Mas logo tenho de fazer uma pausa tristonha: choro os que foram assassinados no Jardim de Alá. Irado, condeno também a grosseria dos antipaisagistas que insistem em tratar membros da nobre espécie como recrutas da monotonia, obrigando-os a ficar em fila indiana ao longo da orla, cercados por cimento.

Agora vai longe meu delírio. Uma palmeira sagrada me atrai, seu vulto inalcançável me chama em esplêndido silêncio. Um amor impossível prende-me ao centro sagrado de Delos, entre cujas rochas bem sei que já não posso encontrar a divina imagem. Desaparecida, ela floresce com tanto vigor que a vejo cheia de luz no sopé do Monte Cinto. Um aedo me conta que uma deusa pariu abraçada a seu tronco. Ouço o grito agudo da mãe e o clamor de damas augustas. Terríveis e belas, as deusas ululam quando o fruto radioso toca o solo. A ilha se cobre de ouro vivo.

Deixando Delos, não me surpreendo quando a palmeira sagrada alça voo. Na belíssima língua grega, seu nome, *phôinix*, tem asas imortais. Como gentílico reporta-se à Fenícia, terra que enriqueceu o mundo com escritas sutis e mitos pródigos. Mas designa também a púrpura que osfenícios marinheiros arrancavam do mar, do seio de múrices. Os helenos o aplicaram à tamareira de cachos rubros. O vermelho de um fogo que podia ser, ao mesmo tempo, celeste, marítimo e vegetal tanto os fascinou que em sua língua todas as palmeiras ganharam o apelido da princesa ruiva.

Não ficou por aí a aventura do nome radiante. Além de ser dado a antigos heróis, o canoro *phôinix* ganhou asas de maravilha: veio a designar uma ave luminosa, presente sempre em nossos sonhos, por muito que se esconda aos olhos da vigília. Só mesmo a arte a revela à pobre percepção dos mortais. Mas depois de ter essa revelação, quem pode esquecer a fênix? Quem pode olvidar o

brilho da criatura alada que ao longo de séculos se imola no fogo e do fogo renasce? A poesia não deixa que sua imagem se apague.

Travei conhecimento com a ave fantástica na sua última epifania: como o Cristo que arde em nossas igrejas barrocas, vestido de plumagem flamante e enigmática. Ainda sinto um espanto de criança: o assombro que me tomou quando minha mãe me disse que era Jesus aquele pássaro alucinado, vestido de um fogo de ouro. Revi a fênix em textos de inúmeros poetas e aprendi com alegria, no tesouro da língua grega, que a palmeira também merece o nome brilhante do eterno. Sim, com toda a razão: sua beleza se faz amar para sempre.

## SONATA ARBÓREA NÚMERO 4

*Para Olympio Serra*

Um velho sacerdote do candomblé, o Ogã Agnelo, meu saudoso amigo, falou-me de um rito celebrado na Bahia de sua juventude pelos "tios africanos". Nas primeiras décadas do século passado ainda tínhamos em nossa terra representantes do “povo da Costa”, na maioria nagôs. Entre eles havia sacerdotes adivinhos, *babalaôs* ricos em mistérios e muito respeitados por sua sabedoria. Eram chamados de “tios” nos terreiros baianos. Na época em que os conheceu, o Mestre Agnelo era ainda muito jovem, com pouco tempo de iniciado. Não tinha acesso ao círculo sábio. Teve notícia da cerimônia de que me falou através de um parente, um venerável *ogã* da Casa Branca, terreiro no qual ele mesmo, Agnelo, mais tarde obteria o honroso título de *Elemaxó*.

Segundo contou ao futuro Elemaxó seu parente mais velho, os “tios” costumavam reunir-se nos primeiros dias do ano para uma liturgia singular. Depois de uma longa vigília, marcada por preparativos secretos e purificações especiais, eles iam reunir-se ao pé de uma grande árvore numa clareira da mata ainda pujante em volta de Salvador. Quando chegavam a seu destino — à luz da aurora —, os velhos sacerdotes faziam suas preces, depositavam oferendas e ficavam por um bom tempo em silêncio, *ouvindo a árvore*. Escutavam o murmúrio das folhas agitadas pela brisa matutina e prestavam atenção ao canto de pássaros pousados na copa sagrada. Embora valorizassem o comentário melódico das aves oportunas, era das folhas que esperavam o “recado” principal. Depois de cuidadosa escuta, eles agradeciam a mensagem com palmas ritimadas e confabulavam, expondo uns aos outros suas interpretações, que procuravam harmonizar.

Meu amigo Agnelo supunha que a árvore profética encarnava o orixá *Okô*, ou senão o deus *Oloroquê*, do povo efan, cultuado num terreiro de Brotas. Por falta de tempo nunca pesquisei o assunto, mas não o esqueci. Uma intrigante coincidência me fez reter na memória o depoimento do Elemaxó Agnelo. Sua lembrança me transportou a uma passagem da Odisseia.

No Canto XIV do grande poema, o herói, já em Ítaca, tendo assumido a aparência de um mendigo, hospeda-se na cabana de um escravo, o porqueiro Eumeu. Atena desfigurou seu protegido a fim de garantir-lhe a segurança, de modo que o servo não o reconhece. Apresentando-se com uma identidade inventada *ad hoc*, o hóspede (Odisseu disfarçado) afirma ao bom servo que seu amo está vivo. Para convencer Eumeu, o herói atribui a si mesmo uma biografia caprichosa e narra algumas peripécias. Destaca sua viagem ao país dos Tesprotes. Conta que o monarca do reino longíquo lhe deu notícias do soberano de Ítaca (ou seja, dele mesmo). Garante ter ouvido do rei tesprócio que Odisseu passou por lá a caminho de Dodona, onde ia consultar “a folhagem divina do grande carvalho de Zeus” a fim de saber como retornaria a sua terra. Bem adiante, o falso mendigo repete essa história a Penélope (Canto XIX, versos 296-269).

A referência mais antiga a Dodona e à divindade que lá se cultuava se encontra na *Ilíada*, no Canto XIX, versos 233-35. Nessa passagem Aquiles reza a Zeus dando-lhe os epítetos de *Dodoneu* e *Pelásgico*. Faz-lhe um pedido e lembra que o deus já lhe atendera outro rogo. O herói acompanha a súplica de uma libação, em cálice reservado ao culto da grande divindade. Segundo os três versos que dão início à prece de Aquiles, cercavam o Zeus de Dodona sacerdotes chamados *Selloí* que dormiam no chão e nunca lavavam os pés. Os tabus mostram que o contato direto com a terra lhes era indispensável.

Aquiles não menciona a grande árvore, mas as dicas dos dois poemas homéricos podem ser combinadas. Não é tudo: um fragmento de Hesíodo (Hes. fr. 240) e uma antiga moeda também nos informam sobre o oráculo de Dodona. O fragmento faz referência a pássaros que frequentavam o carvalho sagrado. A moeda, do tempo de Hesíodo, mostra três pombas pousadas numa grande árvore. Bem mais tarde, Heródoto, Estrabão e Plínio falaram de *sacerdotizas* consagradas ao deus e apelidadas de *pombas*. Seriam as novas intérpretes do carvalho.

Volto agora ao rito dos *tios africanos* de que me falou o Ogã Agnelo. Começo declarando meu encantamento: me comove pensar que nesta cidade onde vivo havia homens capazes de ouvir árvores e entender-lhes a linguagem. Estou certo de que eles não eram loucos. Nos terreiros tenho encontrado pessoas muito inteligentes, dotadas de uma rica sensibilidade e de ouvidos musicais invejáveis. A propósito, lembro que em diferentes culturas valoriza-se mais que na nossa a música existente na natureza e se admite que além da humana existem no mundo natural outras linguagens. Xamãs xinguanos me falaram da atividade que nós chamamos de composição musical descrevendo este processo como uma descoberta: um achado realizável quer em sonhos, quer em momentos de extraordinária lucidez. Então eles *ouvem* os temas que depois executam com suas flautas, cabaças e percussores. Ou seja, esses viajantes de entre-mundos *colhem* músicas encontradas em bichos e plantas, águas e céus. Podem recebê-la de seres vivos ou de gente morta, e tanto do fogo como do fumo. Fazem assim a colheita de conhecimentos que permitem a cura, o encontro, a orientação. O xamanismo amazônico é ligado à música. Seus praticantes são mestres no emprego de instrumentos tirados do mato. Sua sabedoria canora me convence: desde menino considero as árvores seres musicais. Matas, para mim, são orquestras esplêndidas.

Mas volto à revelação do Elemaxó. Não tenho o saber mágico dos velhos tios africanos, não sou capaz de traduzir o que me dizem as plantas. Mesmo assim, gosto de suas cantigas e acredito que elas podem ser reveladoras. Já me aconteceu passar da perplexidade à compreensão de assuntos difíceis simplesmente caminhando entre árvores, ouvindo seu murmúrio. Caminhando pela cidade, entre grosseiros ruídos, por vezes ergo os olhos e vejo uma árvore distante que me comunica seu silêncio. Eu o acolho e me pacifico. Sei que ele pode transformar-se em ideia, vestir-me de um novo sentimento do mundo.

Viajei nesta crônica por lugares e tempos muito distantes uns dos outros. Teimo em associá-los, embora reconheça meu devaneio.

O carvalho de Zeus recebia o rogo de homens aflitos que acolhiam sua mensagem através de intérpretes consagrados (homens, mulheres, pássaros). Os velhos sacerdotes negros que aqui demandavam um oráculo arbóreo eram expoentes de um povo perseguido, explorado, ameaçado. Celebravam seu estranho ritual no começo do ano, escutando uma árvore em busca de conselhos com que guiar sua gente. A música das copas os advertia e iluminava. Eram poetas que procuravam comunicação com as raízes do mundo a fim de olhar para além do momento. Sua lembrança me inspira. Alegra-me compartilhar o delírio de nagôs e pelasgos. Sim, eu acredito em árvores proféticas.

## SONATA ARBÓREA NÚMERO 5

*Para Lorena Volpini*

Árvores que amo se fizeram anunciar pelo encanto de uma dádiva e só depois me apareceram. O perfume da canela tocou-me cedo, porém demorei a encontrar-me com esta planta de pele sedutora. A mesma coisa se passou com o cravo. E um belo dia, por obra e feitiço de Jorge Amado, essas árvores cheirosas tomaram forma de mulher na minha imaginação. Hoje elas me impressionam com uma graça erótica.

Do mesmo jeito que cravo e canela, foi também nos pratos que descobri outra criatura viçosa. Pouco tempo depois, seu sinal de beleza floriu para mim nos prados intangíveis da lírica. Só mais tarde deparei inteiro o vegetal de que me vinham sabores sábios, ricos de muitas associações .

Em minha experiência de menino do Recôncavo as folhas submersas na feijoada, em deliciosa escuridão, eram o único indício da planta nunca vista nos quintais, nas hortas, no mato de meu conhecimento. Intrigou-me seu nome por causa de uma coincidência: tal como os papagaios — que a gente também chamava assim — eram verdes as folhas de *louro*. Para complicar, ainda havia “o verde louro desta flâmula” na selva barroca do hino nacional. (No meu entendimento de criança, tratava-se mesmo do pássaro falador: o hino lhe pede que *diga* coisas bonitas: *paz no futuro e glória no passado*). Estranho jogo de signos enleava assim as palavras e as coisas, dourando as folhas da planta longínqua.

Na época, a referência básica que eu tinha para a compreensão do termo "louro" eram cabelos de pouca gente. Na minha negra cidade natal pessoas com esta dourada característica compunham exígua minoria. Eram chamadas de *alemãs*. Na minha infância conheci *alemães* paulistas, espanhóis, franceses e até mesmo baianos, além de alguns germânicos. Na Bahia da minha infância os nativos da Alemanha eram poucos e só faziam jus ao nome se fossem louros. Se tivessem cabelos negros seriam apenas gringos.

Aos poucos, isso mudou. O cinema consagrou o feitiço das louras ao tempo em que arrasava os alemães: este nome gentílico passou a sinônimo de “inimigo”, sempre derrotado pelos artistas de Hollywood. Complicação: uns e outros podiam ter cabelos de milho.

E havia os anjos dourando a igreja.

Na escola vi desenhos que festejavam um ilustre caolho enfeitando-lhe a cabeça com as folhas do tempero. Achei graça do laurel.

Antes ainda de me aparecer em pessoa (digo, em planta completa), o loureiro se fez anunciar por uma rica folhagem de versos. Brotava de um mito. Tinha nome de moça fugitiva. Por arte de um amigo de metamorfoses cujas poemas ganharam o mundo, a fuga de Dafne fez-se ubíqua: Ovídio teve milhares de repetidores e inúmeros ventríloquos. Alguns deles falavam com as mãos.

Em azulejos do único palácio que frequento — a reitoria de minha universidade — pode-se contemplar a bela ninfa perseguida pelo deus e já quase virando árvore. Redesenho a cena com um delírio infantil: imagino uma loura entusiasmada perseguindo o glorioso Apolo. O deus foge. Louras em transe são um perigo, principalmente na Bahia.

Mudo de rumo tocado por outra recordação, que vem de tempos inalcançáveis. Eis a história:

Na véspera do parto, Mágia Pola sonhou que dava à luz um loureiro. Chegado o dia feliz, a bela matrona interrompeu a caminhada nos campos mantuanos do Míncio e plantou-se numa vala, onde pariu. Tempos depois brotou nessa cova um choupo que rapidamente cresceu e superou as maiores árvores do lugar. É o que conta Donato, biógrafo do poeta romano que mais amo.

Em sonhos, assisto com reverência a ciranda de mulheres grávidas ao redor da árvore de Virgílio. Bem sei que há séculos isto não se faz, mas sempre revejo a cena. Já pensei em escrever às autoridades mantuanas sugerindo o replantio do choupo sagrado. Seria um estímulo: a Itália precisa de bebês.

No eixo da antiga dança reconheço a criatura que os latinos chamavam de *populus*. Não sei onde nos conhecemos: talvez em São Paulo, talvez na França. Estranho o seu apelido português, o sisudo *choupo*. Creio que o nome de álamo lhe cai melhor. Dedico a Virgílio e Donato os álamos tremulantes, um arbóreo rebanho americano que vi dançar no cinema.

O poeta mantuano me apresentou em versos outra árvore, que por sua causa tenho por assombrada. Admito que são simpáticos os olmos, muita gente os ama, parecem até carinhosos, mas que fazer? Todos me lembram o que Virgílio plantou em sinistro espaço, com sonhos enganosos escondidos entre suas folhas. Confiram no Canto VI da Eneida.

Torno ao loureiro. Outro poeta lhe transmitiu um encanto novo, associando sua folhagem mística com a beleza da namorada inalcançável. Por causa dele a planta de olhos verdes ainda nos deixa tontos. Depois da *Canzone VI*, Laura e *il lauro* eu nunca mais separo. No entanto confesso: fiquei estarecido quando soube que a amada do poeta, Laura de Noves, teve onze filhos de um homem chamado Sade. Declaro meu assombro. As Lauras que conheço (por acaso, todas morenas) são muito mais comedidas.

## SONATA ARBÓREA NÚMERO 6

*Para o Poeta Cajazeira*

Esta sonata vai desenvolver um tema capturado por minha memória em rica fonte: seguirá o rastro de uma melodia teórica nascida no horto de um poeta e recriada, num concerto suntuoso, por um filósofo em transe dialético. Acompanhando seu único movimento, comentarei um pequeno trecho de um ensaio de Hegel sobre a *Filosofia da Natureza*.

Declaro logo o que me interessa nessa estranha obra: a fantasia. Dificilmente se achará em suas paginas um esclarecimento efetivo dos domínios científicos que o pensador pretendeu incorporar a seu sistema. Aí a pura especulação cavalga à rédea solta noções da ciência da época, injetando no mundo físico uma torrente de conceitos com que o filósofo busca descrever a viagem do Espírito rumo a si mesmo, com o ponto de partida nessa travessia.

O resultado me parece bizarro. Não menosprezo a poderosa imaginação teórica do pensador de Jena. Aprecio sua verve fantástica. Mas confesso que leio sua *Naturphilosophie* com interesse poético. Como bárbaro que sou, nas criações da dialética hegeliana saboreio um romance, uma espécie de novela metafísica, por vezes marcada por deliciosa extravagância.

O texto a que me reporto integra a *Filosofia Real* e deriva de um manuscrito com os apontamentos do pensador para um curso oferecido em Jena, em 1806. O texto é esquemático, sumário, com jeito de anotação para desenvolvimento ulterior. Tem lacunas e pontos obscuros. As sentenças rápidas, ansiosas por alçar voo, não raro estacam antes do termo, como que preparando o pulo. Muitas incorporam secretas reticências. Por vezes, palavras importantes precisam de ser conjeturadas, adivinhadas. Os editores se esforçam por preencher os vazios e dirimir dúvidas com recurso a glosas filológicas. No pé de página alinham comentários breves, envolvendo, aqui e ali, notas do próprio Hegel, ou de seus alunos.

Dica para meus leitores eruditos: os ensaios da *Filosofia Real* se incluem no oitavo tomo da edição crítica das obras completas de Hegel (*G. W. F. Hegel. Gesammelte Werke, 1968*), geralmente indicada pela sigla HGW e dada a lume em Hamburgo pela Rheinische-Westfallische Akademie der Wissenschaften. Há pouco revisei esse estudo na celebrada tradução espanhola de José Maria Ripalda (México, Fondo de Cultura Económica, 1984). Ripalda, na atualidade um dos mais destacados especialistas em Hegel, além da tradução brilhante fez verdadeiro trabalho de editor, com erudição impecável.

A *Filosofia Real* encerra duas partes: I. *Filosofia da Natureza* e II. *Filosofia do Espírito*. No terceiro capítulo (dedicado ao Orgânico) do ensaio intitulado *Naturphilosophie*, depois de ter discorrido sobre o que chamou de “organismo mineralógico”, Hegel aborda o vegetal. Caracteriza a

planta como "individualidade orgânica imediata" em que prevalece a espécie (pois nela "o individual não volve a seu próprio ser, não se sente a si mesmo"). Daí passa ao exame do processo de constituição da planta: começa pela semente, avança por raiz e tronco, considera a folhagem e os brotos, até que chega a flor e fruto. O trecho que destaquei concerne às folhas. Mas começo um pouco antes. Anoto (HGW 8.131):

“A semente, dada a imediatez de sua individualidade, é uma coisa neutra; cai na terra; a terra, em si, nada mais é para ela que a força em geral; a semente não extrai alimento da terra enquanto terra, nutre-se apenas de ar e água”.

Segue-se a esta curiosa afirmativa um vislumbre do todo vegetal: “A planta é, pois, processo dúplice: transforma o ar em água. Aqui, de nada servem as opiniões químicas para a explicação da passagem do nitrogênio ao hidrogênio, pois para a planta ambos são matérias insuscetíveis de transformação; a mediação se dá pela negativa ipseidade que é o gás oxigênio. Mas com isso não finda o processo, que volve ao carbono, ao subjetivo, real, químico”.

Depois de tamanha informação, o pensador retoma a análise por partes. Na raiz, ele vê “a força hermética, a pura ipseidade, que justamente por sua imediata simplicidade recai no inorgânico, é a fibra em geral”.

Está claro? Veja o leitor esta explicação:

“Quimicamente considerada, [a raiz] é carbono, sujeito abstrato; mas segundo seu conceito é a mera força, enquanto tal; é semente que permance na terra, sua simples treva, pura madeira sem casca nem medula.”

Vamos logo ao topo: a folhagem é “processo vivo da luz, que vem a ser processo do fogo, dissolve a figura e a produz enquanto ser-para-outro”. Aos olhos do filósofo, a aparição das folhas representa um desdobramento que vem a ser (para a árvore) "o extremo da externalidade, da dissolução, da singularidade superada, processo enquanto tal".

Já chega? Calma, é preciso avançar. No arremate, o filósofo aponta "a esfera do genérico, de que a planta não sai" pois “é o simples, que em sua articulação da singularidade não vai além de sua substância geral.”

As citações acima bastam para para mostrar o devaneio especulativo do texto. Com elas me justifico: diga o leitor se exagero quando chamo de bizarro o famoso tratado. Mas repito que lhe atribuo um valor lírico. Hegel não gostaria dessa apreciação, mas não posso evitá-la. Sou mesmo bárbaro. Agora vou ao ponto que me interessa comentar. Numa parágrafo sucinto (HGW 8.137), o filósofo afirma que "cada parte é a força de toda a planta e pode representá-la". Dá como prova dessa tese o fato de que "caso se revire uma árvore, plantando seus ramos na terra, brotos despontam e as raízes se transformam em ramos perfeitos; da casca também rompem rebentos e os ramos volvem à raiz”.

Intrigado com este argumento, eu cheguei a supor que ele tem fundo mítico. Mantenho a hipótese, mesmo depois de ter encontrado melhor explicação. Justifico: tenho para mim que a mítica continua a ser o incontornável substrato da filosofia e de vez em quando irrompe dessa profunda camada subterrânea um jorro vulcânico originador de novas formações de relevo no espaço teórico. Ao reler o trecho evocado, primeiro me veio à mente a Asvartha, a árvore cósmica que tem suas raízes no céu, de acordo com o Bhagavad Gita. Não presumo que Hegel tenha pensado nela, na poética figura do pensamento hindu. (De resto, etnólogos têm mostrado a recorrência desse *Weltbild* em diferentes culturas, pelo mundo afora). Outra lembrança, mais razoável, me dirigiu a uma das fontes do pensamento de Hegel: lembrei-me de uma curiosa metáfora de Platão, empregada no *Timeu* (90a-b) para caracterizar o homem, figurado à imagem de uma árvore, de origem não terrena, mas celeste, cuja raiz corresponde, no corpo humano, à cabeça, por onde a divindade nos comunica o intelecto, a alma. Achei que esta imagem platônica (de inspiração talvez órfica) pode ter influenciado a reflexão hegeliana sobre a planta, emergindo das profundezas do inconsciente do criador da nova dialética.

A melhor explicação do trecho encontrei depois de lembrar-me de que a *Naturphilosophie* teve outra redação, muito mais clara e sólida, com maior apoio na ciência da época (o próprio Hegel admitiu que o texto de Jena era um esboço de principiante). No segundo volume da *Enciclopédia das Ciências Filosóficas* (ECC) [= *Enzyklopädie der Philosophische Wissenschaften*, EWP], que data de 1830, recapitula-se a *Naturphilosophie*. Antes de recorrer a esse texto maduro, peço vênua para uma digressão.

Minha primeira leitura da *Filosofia Real* hegeliana se concentrou na última parte. Suspeito que a maioria dos cientistas sociais procede assim: é a Filosofia do Espírito que mais nos interessa, pois encerra uma poderosa reflexão sobre a sociedade, o direito, os *mores*, o Estado e temas conexos. Passei quase por alto a *Naturphilosophie*, que, repito, me pareceu um ensaio bizarro. Isso não me impediu de admirar o ambicioso projeto de Hegel, fruto de uma potente fé filosófica (para falar como Jaspers). O *symbolon*, o *credo* que lhe corresponde, pode exprimir-se numa bela sentença: no lema heracliteano que o jovem Hegel e seu amigo Hölderlin usavam como epígrafe em seus cadernos escolares, quando ambos eram estudantes no Seminário de Tübingen: *hén pánta* (“tudo (é) um”). Na chamada Filosofia Real, Hegel considera a passagem do inorgânico ao orgânico a fim de re-unir essas dimensões e, progredindo, ligar o mundo físico ao espaço da vida inteligente descortinada no horizonte da sociedade, da cultura, do Estado: um enlace visto por ele como indispensável, desde quando tudo é história a seus olhos sequiosos de Espírito.

Sua ousadia me impressiona. Devo confessar que me encantam as “grandes narrativas” hoje em descrédito, olhadas com forte suspeita. Será justa a suspeita, mas o desdém que por vezes a acompanha me parece injusto. No ressequido nicho pós-moderno, tem dado pretexto a uma atitude

desanimada e ressentida, de auto-limitação, de adesão à miudeza, com tempero de acídia. Porém não escondo que aprecio a “grande narrativa” hegeliana com prazer principalmente estético. Talvez ela seja a última das cosmogonias em linguagem filosófica, um grande mito a que não falta beleza — e que ainda guarda força elucidativa.

Torno agora ao trecho que me intrigou. Nas páginas 386-7 da ECC Hegel revela a fonte real de sua tese e torna mais clara a prova que aduziu. A fonte vem a ser a obra de Goethe intitulada *Metamorphose der Pflanzen* (*Metamorfose das plantas*). Hegel lamenta que os botânicos não lhe tenham dado atenção e procura fundamentar a intuição do poeta pensador, para quem o crescimento das plantas corresponde a metamorfoses de uma só, idêntica formação. Essa totalidade se projeta em muitos indivíduos em que realiza sua ek-stase (seu *Aussersichgehen*). Digo melhor: em que seu todo se *extasia*, na floração da diversidade. "As partes da planta chegam à existência como iguais, de modo que no vegetal cada membro pode facilmente transformar-se em outro". Hegel procura fundamentar essa tese evocando uma experiência: lembra que se têm invertido árvores, virando as raízes para o ar de modo que galhos e ramos mergulhem no solo — e o resultado é brotarem ramos, folhas, flores e frutos das raízes tornadas aéreas, enquanto os ramos se voltam raízes. Botânicos dirão que essa experiência, possível só com alguns vegetais (Hegel cita exemplos em outro trecho), não justifica a tese goetheana. Pouco me importa. Na passagem da Filosofia Real que acima citei, me encabulou a descrição esquemática do processo porque Hegel, entusiasmado, sugeriu uma “ramificação” profusa da planta, uma tão intensa e completa irradiação que em minha mente a bendita árvore compôs um grande círculo.

A imagem subsiste. Comovido por sua força (mais emocionante que razoável), dou razão a Hegel. Em processo desde sempre, a árvore circula. É seu próprio ciclo. As folhas o mostram na sua expressão luminosa. Os galhos que deitam flor e fruto assim mesmo carregam as sementes — e quando estas se aninham no solo, pode-se dizer que a renda frutífera donde procedem suscita o vir a ser da raiz, onde sua trama se recapitula. Verifico: a planta inteira está em cada uma de suas partes, agora repostas em um núcleo vivo — e assim se irradia. A escuridão da raiz e a cobertura solar da folhagem se correspondem. A luz que as folhas bebem desce à profundidade da terra, a treva radical ascende à copa que gera sombra. Ao se erguer num jato firme, o tronco liga os extremos que opõe e ao mesmo tempo comunica.

Penso em Goethe na Sicília, arrebatado por sua visão da *Urpflanz*. Fascinado pela verde intuição do poeta, contemplo uma árvore através da minha janela. Percebo que ela traz em seu corpo inúmeras outras de que veio, sem as quais não existiria, e muitas ainda que nela se insinuam como virtuais descendentes, enriquecendo-lhe a presença com sua possibilidade. Vejo que há um bando de irmãs à sua volta e todas fazem vir à tona da existência idêntico impulso, repetem de diferentes modos o mesmo gesto existencial, como um canto que juntas entoam, vestidas de suas

espécies. Cresce meu delírio dialético: no grande coro assim formado, já não distingo das presentes as árvores que elas convocam e fazem cantar desde a origem, ou desde o futuro. Sua música me toma: sinto-a jorrando na minha cabeça (minha celeste raiz), donde flui por meu corpo todo.

E então floresço.

## SONATA ARBÓREA NÚMERO 7

*Para Niara Jost*

Sei que eles existem no Brasil. É possível encontrá-los aqui perto, em Minas Gerais. Florescem no sudeste e no sul do país, transplantados por mãos saudosas. São poucos, porém ricos de sereno vigor. Projetam sombras de nostalgia. Saúdo com carinho esses belos migrantes, mas foi na Europa que conheci a esplêndida raça dos carvalhos. Aprendi logo que este nome se aplica a mais de uma centena de espécies e que delas outrora havia densas florestas no continente europeu. Seu número continua grande por lá e sua beleza impõe respeito, garante-lhes proteção. Não são menos pujantes os seus irmãos norte-americanos.

Ainda me lembro de meu primeiro encontro com um majestoso roble, na França. Era alto que nem uma torre, com uma bela copa onde tons castanhos e rubros se misturavam ao verde. Três homens mal poderiam abarcar-lhe o tronco. Um amigo me explicou que aquele príncipe tinha mais de quinhentos anos. Nada de incomum ou excessivo na sua família: carvalhos há que chegam a um milênio, ou mais. Não demorei a lembrar-me do nome latino da sua espécie, que os cientistas ainda chamam de *Quercus robur*. A imponência do venerável gigante logo me fez recordar que da palavra *robur* derivam não só os nomes vernáculos *roble*, *robor*, como o adjetivo *robusto*.

*Drys*, o nome helênico do carvalho, também me acudiu imediatamente. Veio junto com lembranças do tempo em que me dediquei à filologia clássica na Universidade de Brasília. Foi lá que comecei minha carreira de professor, dando aulas de grego antigo. Como todo helenista sabe, a palavra *drys*, de raiz indo-europeia, a princípio tinha o amplo significado de *árvore*. Os helenos só se familiarizaram com os carvalhos no território a que deram nome. Segundo os especialistas na língua e na protohistória dos indoeuropeus, não havia carvalhos na região de onde se conjectura que eles partiram na sua espantosa diáspora. (Em todo o caso, os futuros helenos certamente admiraram carvalhais na passagem pela centro da Europa, rumo a seu nicho mediterrâneo). À falta de outro termo, os povos que viríamos a chamar de gregos fizeram do soberbo vegetal a *árvore* por excelência. Tiveram logo de recorrer a outro substantivo, *déndron*, para a designação genérica, mas por longo tempo usaram *drys* com os dois significados.

Graças não só a gregos e latinos como a escritores de toda a Europa (antigos, modernos, contemporâneos), sem esquecer alguns da América, quando me deparei pela primeira vez com um carvalho, reconheci um velho amigo. Já lhe tinha colhido inúmeras folhas de prosa, de versos, de música. Frutíferas imagens, verdes melodias de sua beleza vicejavam em minha memória. O sabor de sua carne eucarística já me havia acariciado a língua (não poucas vezes, confesso), na amável companhia do uísque, de bons vinhos, até de cachaça. Esse primeiro encontro foi, portanto, antecipado pela memória, que o encheu de tempo, de modo que até hoje seu dia transborda.

Embora me aparecesse rodeado de lembranças, o belo roble mostrou novidade. Em seu invisível espelho contemplei multidão de árvores — todas juntas no seu corpo, até mesmo as desconhecidas. Peço licença à coorte: quero falar agora do carvalho que não vi, que nenhum ser humano contemplou. Olhos efêmeros jamais o enxergaram. Para aproximar-me dele, sigo os passos remotos do misterioso pensador a que se manifestou seu ser encoberto.

Quem era mesmo esse homem? Pouco se sabe a seu respeito. Seria um natural da ilha de Siro, chamado Ferécides, cuja vida vida transcorreu no século sexto antes de nossa era. Trata-se de um dos patriarcas da filosofia. Autores antigos o diziam mestre de Pitágoras. Seu vulto se confunde com o do suposto discípulo: às vezes é difícil saber qual dos dois seria o autor de certas proezas legendárias. Os gregos viram em Ferécides um profeta, um mago, um sábio inovador, um filósofo. Na *Metafísica*, Aristóteles o classifica entre os “teólogos”, mas adverte que ele não empregou só a linguagem mítica: já teorizava. Outra inovação: de acordo com uma glosa do Suda, o sábio de Siro teria sido o primeiro a escrever em prosa.

Na sua singular Teogonia Ferécides afirma a existência de uma trindade divina a que atribui a criação de todas as coisas: *Zas*, *Ctônia* e *Khrónos*. O nome *Zas* pode entender-se como “Portador da Vida, Vivificador”. O deus que ele designa assimila-se a Zeus. Uma cita de Laurêncio Lídio o identifica com Hélios, o divino Sol. (Essa teocracia era comum entre os órficos). *Khrónos* vem a ser o nome grego para o tempo. (Na obra de Ferécides, a figura do Tempo divino se se funde à pessoa mítica de *Krónos*. Isso também ocorre nas teogonias órficas). O nome de *Ctônia* deriva de *khthón*, termo que em grego designa o solo e as profundezas subterrâneas.

Não cabe numa pequena sonata a discussão dessa complicada teogonia de que só restam fragmentos. Vou destacar apenas uma passagem.

Reporto-me, primeiro, ao chamado Papiro Grenfell, onde se lê um trecho da narrativa fantástica das bodas primordiais, as núpcias de *Zas* e *Ctônia*. No terceiro dia da festa, ao erguer pela primeira vez o véu da noiva, *Zas* lhe deu um presente. Assim ele inaugurou o rito das anacaliptérias. O presente oferecido pelo deus amoroso à noiva foi um belo manto em que ele bordou, em cores variadas, “Gê e Ogeno e as moradas de Ogeno...” Ou seja, a Terra e o Oceano, que no imaginário dos gregos a circunda com seus abismos fecundos.

Nesse ponto se interrompe o fragmento.

Daqui salto para duas citações de Clemente de Alexandria, salpicadas no tapete de suas Miscelâneas (*Strom.* VI, 9 e VI, 53). Na breve referência que faz ao texto de Ferécides de Siro, o padre apostólico evoca o esplêndido manto confeccionado pelo criador e acrescenta que esse *pháros* foi deposto sobre *um carvalho alado*. De modo ainda mais sucinto, Máximo de Tiro (IV, 4) evoca “árvore e peplo” ao mencionar a obra do misterioso pensador.

A ideia de um carvalho alado tem intrigado, ao longo de séculos, os historiadores da filosofia. Sugere uma fantasia descontrolada, irracional. Voltarei a isso daqui a pouco. Uma questão preliminar se coloca: donde vem o estranho carvalho? No momento da história ferecidiana em que Zas presenteia a noiva divina, ainda inexistia o mundo que o manto compõe. A árvore sobre qual o amoroso criador o estende não é, pois, nenhuma das plantas que ora existem: naquele tempo elas ainda estavam por ser.

Avançemos. Ferécides afirma que depois das núpcias Ctônia tornou-se Gê, a Terra. Seu primeiro nome faz pensar em profundezas abissais.

Neste ponto, nos acode a lembrança de Hesíodo, que fala das “raízes da Terra” mergulhadas no Tártaro. Hesíodo por certo se reportava à imagem tradicional de uma árvore-mundo, ou seja a uma figura do mundo em feição de árvore, símbolo encontrável em diferentes mitologias e ainda vivo, por certo, na imaginação mitopoética dos gregos da época. É a esse *Weltbild* que remete o carvalho de Ferécides.

O manto sobre a árvore completa a transformação de Ctônia, constitui a superfície onde em vêm à existência os seres efêmeros: plantas e bichos, todos os viventes. O que precede essa aparição só pode ser perene. Logo, a entidade misteriosa que se vela e revela nas núpcias divinas deve ser eterna. Concluo: pertence à eterna essência de Ctônia a árvore secreta que Zas reveste. Na teogonia ferecidiana, informa Diógenes Laércio, Ctônia torna-se Gê (a Mãe Terra que conhecemos) quando o deus a cobre e fecunda. Ou seja, o carvalho alado é a própria Ctônia, sujeita a erótica transformação. A bela planta que traz o mundo na sua copa compõe sua imagem nupcial.

Não falo gratuitamente em transformação erótica: Maximo de Tiro resume o lance das primeiras bodas referindo as divindades que o protagonizam. São *três*, não duas, embora o ato consumado seja o enlace de *um casal*. Formam a trindade nova “Zas e Ctônia, e Eros neles”.

Entendo que a árvore-mundo só se completa, floresce e ganha sua copa, quando o deus nela estende o manto, vale dizer, quando o Vivificador se estende sobre a deusa amada. Conforme sempre disseram os gregos, o carvalho pertence ao Pai celeste, ao divino nubente da Terra, a quem eles rogavam: “Chove, fecunda, querido Zeus!” É que os helenos entendiam a chuva como fecundação da Terra pelo Céu. O carvalho com seu manto vivo representa a união criadora e, ao mesmo tempo, o mundo que faz surgir.

Não me desconcerta a imagem de um carvalho alado. Todo o povo vegetal que leva esse nome comunga pássaros. O mesmo sucede com inúmeras plantas. As folhas do arvoredo são uma espécie de plumagem. E já muitas vezes senti impressão de voo admirando contra o céu a copa de uma grande árvore, quando o vento faz deslizar as nuvens no alto. Então é a árvore que parece mover-se. Sua copa flutua no azul celeste. Gosto muito de contemplar essa aérea navegação, que às vezes me embriaga. Confesso também meu doido amor às tempestades que levam os gigantes verdes

ao desvario. Quando a ventania os agita, os ramos são asas frenéticas. Seu inútil apelo traduz a loucura da existência, mostra-me o véu oscilante da vida.

O carvalho alado, que nunca vejo, é bem real para mim.

## **SONATA ARBÓREA NÚMERO 8**

*Para Marina Martinelli*

*Amendoeira na esquina de casa  
Dava toda sorte de comida de mentira  
Menos o arroz da Maria-fecha-a-porta  
Ali defronte minha irmã quebrou o braço*

*Mangueira no quintal de meu avô  
No galho a gente fez um balanço  
Ia trocar gamelas e buscar ovos  
E no outro canto um cajueiro que não sinto saudades  
Mas lembro da fumaça da torra da castanha com Suely, de quem nunca mais tive notícia*

*A água gelada nas pedras âmbar  
Do rio de trás da casa de tio Antônio  
Que nem sei se passa lá mesmo  
Ou só no mapa da saudade  
A inigualável casa de tio Antônio!  
Saudade de todas as árvores!*

*Saudade da goiabeira do Posto Leonardo  
Saudade das sete macieiras perfiladas que via certa época da janela de casa  
Saudade pré-datada desta bétula contorcida  
– tronco acanelado –  
Que um vizinho sem coração  
Marcou pra ser derrubada  
Que ele prefere ver a rua...*

O poema em epígrafe não é meu. Foi escrito por Marina Martinelli e publicado em seu blog ([literaturista.wordpress.com](http://literaturista.wordpress.com)). Aqui ele não somente introduz a sonata como a faz

germinar, cria-lhe o tema, dita a melodia que dá corpo a sua música. Chama-se *Saudade de Árvores* o coração lírico desta Sonata. Marina o pôs a pulsar quando morava na Noruega. Seus versos percorrem diferentes lugares, que terminam entrelaçados numa rede utópica, tecida com folhas.

A amendoeira rica em sabores insuspeitos é baiana, de Salvador, assim como a *Maria fecha a porta*, que — aprendam os leitores — oferece às meninas o verdadeiro arroz de mentira. A árvore se agita, chora ao lembrar-se da criança com o braço quebrado que ela tentou em vão consolar. Todo os bêbados do bar do Chico, que fica pertinho, escutaram o gemido de suas folhas, seu apelo aflito.

O quintal com mangueira fica em Brumado, a cidade do sudoeste baiano em que o avô dorme para sempre. A mangueira com seu braço vigoroso sustenta ainda, em campo lírico, o ritmo do balanço que atravessa o tempo. O cajueiro à margem da saudade deixa correr uma fonte aromática. Sua lembrança se impõe, revelando a força de um manhoso. A fumaça das castanhas desenha-lhe a sombra viva e incensa o lugar com seu enigma. Em seus arabescos tento ler as notícias perdidas de Suely.

Mas rapidamente a cena muda. Estou agora à beira de um rio de águas geladas, que rodeia pedras de âmbar. Eu o reconheço. É o Rio Brumado, que atravessa a cidade de Rio de Contas e passa nos fundos do quintal de Tio Antônio, assim como o Rio do Antônio percorre Brumado. (Já o Rio de Contas passa por vinte municípios, de Abaíra a Itacaré, sem tocar a terra a que dá o nome).

Quem se acostumou a essa geografia de transferências não se espantará ao ser lançado cada vez mais longe através de espelhos corredios onde se reflete, melodicamente, a dança de árvores longínquas.

Eu me deixo levar.

Com a saudade que me contagia, vejo-me agora no Leonardo, à beira do Twatwari. E sigo pela veia do Kuluene, rumo à corrente mágica do Xingu. Embarco na lembrança de Marina a me contar, já moça, que ainda sonhava com a mata xinguana onde esteve em criança. Recupero seu entusiasmo infantil com a beleza dos jacarés que viu flutuando no grande rio, sutilmente precedidos por buquês de borboletas. Resgato a cena em minha memória: as pétalas voadoras dançam pouco acima das ventas emersas do bicho, cujas mandíbulas tremendas se escondem discretamente sob o véu deslizante da correnteza.

(Ainda bem que não sou crítico literário, um desvio desse tamanho não se justifica. Mas foi o poema que me levou para a água por um atalho da memória. Balbucio minha frágil desculpa: quem vê um jacaré nadando em rio ou lago, bem o pode confundir com um tronco deslizante — se ele não estiver, é claro, devidamente borboletizado. E na mitologia

xinguana um jacaré sedutor está associado ao pequizeiro, árvore muito prestigiada por Tio Antônio e por todo o povo de Rio de Contas. Por incrível que pareça, trata-se mesmo de um bicho arbóreo).

De volta aos versos de Marina, me intrigo um pouco. Sei que a autora não esquece a visão fantástica da floresta de galeria rompendo a savana, mas a goiabeira do Posto Leonardo — de que eu não consigo me lembrar — ganha em seu poema um fantástico privilégio: toma o espaço lírico da poderosa floresta, que diante dela se retrai. Trato de plantar em minha imaginação a dama das goiabas. Esta suave canibal me assusta um pouco: só me parece que ela guarda em seu ventre esguio todo o universo xinguano. De longe, eu lhe faço uma reverência.

Mas a viagem florescente ainda não se completou. O volátil mapa da saudade, que aproximou do Xingu a casa riocontense de Tio Antônio, põe agora a árvore misteriosa do Leonardo a dialogar com sete macieiras de Oslo. E o tema da conversa é o anunciado sacrifício de uma bétula. Escuto: elas caem de pau no vizinho sem coração. Lembro-me, em seguida, de uma bétula que me hipnotizou com o olho único, irresistível, aberto para sempre em seu tronco, por obra e capricho de deuses vikings. (Lembrou-me logo Odin). Rezo generosamente a todos os bravos da corte de Freia para que sequem o ímpio. Reza forte: garanto que o miserável está lenhado. As amáveis ruas de Oslo não o querem ver.

Volto ao começo do poema pensando nas belas amendoeiras hoje perseguidas em Salvador por gente estúpida com alma de cimento. Logo esta árvore, a mais feminina de todas, a planta que desde a antiguidade é símbolo das mulheres, que o povo da Idade Média europeia associava a Nossa Senhora, querem banir da nossa orla. Malditos sejam os estupradores da cidade, os anti-arbóreos.

Mas a saudade tem força nas suas asas florescentes que o poema desvela. Dessa força a esperança ressurge. Celebremos seu manto verde. E com o alento da poesia, esconjuremos a estupidez, rezando por todas as árvores.

Salve Marina, cheia de graça.

## SONATA ARBÓREA NÚMERO 9

### *Para Lete Misteriosa*

A baraúna surpreende que nem um beijo inesperado, com um belo verdor que rasga a secura. Impõe profundo respeito no campo raso da caatinga. Tem jeito de capela erguida no ermo, à vontade no tabuleiro de escasso tapete. No centro de uma clareira, faz que pareça recém-chegado o mato humilde a seu redor. Arbustos reverentes então se inclinam para a saudar. Mas ela gosta de solidão. Prefere o descampado. Embora nem sempre abrigue a ave sábia, tem com sua raça um parentesco secreto: de espírito glauco, sem garras nem olhos visíveis, forma sua própria coruja, toda grave, meditativa. E plácida.

A ataraxia da baraúna contrasta fortemente com a paixão da umburana, que quando moça insinua danças caprichosas com os galhos esguios, usa de modo sedutor o véu da folhagem, mas toda se despe e retorce em sua velhice trágica. É uma atriz inspirada. Os escultores do sertão tiram de sua carne imagens estranhamente serenas, ex-votos impassíveis. Sim, ela também amamenta implacáveis marimbondos. É benévola com todos. Sertanejo sabe: Umburana de Cheiro, bela dama perfumada, acode com sua farmácia os pobres das terras secas. Suas sementes caridosas prodigam xarope santo, oferecem chá milagroso, tiram febre, aquietam dores humanas, curam moléstias de muitos bichos. Destaca-se a vermelha, com o rubor discreto de sua pele e os frutos sanguíneos que comunicam energia, irrigam as veias dos enfermos.

Também médica é a aroeira de flamantes frutos, sagrada casca de jacaré.

A catingueira, em geral loura de flores, mas às vezes roxa, fornece o feijão das cabras. Guarda-o com carinho em suas vagens pastoris.

Me inclino diante do soberano jatobá. Eu o conheci no sertão baiano, onde sua altura me espantou. Depois o vi em terras amazônicas, três vezes maior, um soberbo rompe-nuvens. Mas como o sertanejo marcou minha primeira admiração, ficou sendo, para mim, o pai de todos, o máximo. É que ainda o vejo com os olhos da infância. Dou-lhe o título merecido: Doutor Jatobá. Aprendi com os cientistas matutos que ele dá remédio à anemia. Os marceneiros o veneram, dele retiram farta mobília.

Os jatobás e as baraúnas são parmenídeos, assim como a linda mangueira que conheci em menino e a cada encontro me afirmava estar ali desde o princípio do mundo. Já o luminoso canjoão que eu gostava de ver no mato do Jequi sempre me parecia recente, vindo para ilustrar o puro momento em que eu o contemplava: declarava-se, a cada manhã, nascido com o dia, feito uma aurora vegetal, de louras tranças. Com artes secretas, tomava o lugar do irmão gêmeo que a sombra escondera. Pois é feiticeiro, o canjoão. A gente acaba acreditando no seu discurso.

Por isso torno ao jatobá. A imagem de firmeza essencial que ele comunica hoje me traz à

lembrança — não sei por que estranhas veredas — versos de um poeta de muito longe. À luz das palavras de que me aproprio, mostro o firme tronco e a mim mesmo dou certeza: *Veja, as árvores são*. Na língua do poeta, a frase tem um áureo zunido: — *Sie, die Bäume sind* — e por conta do belo zunir já a imagino pronunciada por uma abelha experta em zês. Mas cismo: troco o som de ouro besouro por um cicio, na nova tradução que me ocorre. Ela distorce um pouco o sentido literal da sentença, mas lhe acrescenta o vento na folhagem: *Sim, as árvores são*. Daí volto à fonte alemã e no som que o trema impõe a *Bäume* enxergo um galho recurvo.

Bendito seja Rilke por sua Segunda Elegia, em que plantei um jatobá. (Às margens do Duíno, vejam que loucura! Mas creio que ele gostaria do intruso).

Torno ao sertão, recorro a letras brasileiras. Euclides da Cunha prestou grande atenção às árvores da caatinga. Fez uma espécie de ode em prosa aos juazeiros, assim no plural. Celebrou o esplendor que ostentam em meio ao "depauperamento geral da vida", na dura agrura das terras áridas. É que eles ignoram a canícula, desafiam a seca com suas ramagens virentes em plena soalheira, "salpintando o deserto com as flores cor de ouro, álacres, esbatidas no pardo dos restolhos". Na caatinga, diz Euclides, juazeiros figuram "oásis verdejantes e festivos".

O grande escritor não foi menos justo com o umbuzeiro, "a árvore sagrada do sertão": evocou suas dádivas generosas, os ricos momentos de alegria que dispensa ao sertanejo preso à labuta em meio a terrível secura. O cronista de Canudos retratou ainda outras belas plantas do deserto e descreveu com maestria o milagre da caatinga, sua espantosa ressurreição à primeira chuva. Confirmo: quem já contemplou essa primavera instantânea nunca mais a pode esquecer. Vai apaixonar-se para sempre por uma flora rude e fantástica.

Enquanto me disponho a acompanhar o mestre Euclides na reverência ao mandacaru, me assalta uma lembrança irresistível: vejo o cacto de Manuel Bandeira, "belo, áspero, intratável". Cidadino embora, ele me lembra magníficos guerreiros de sua espécie que encontrei no sertão calcinado, desafiando o sol com seus verdes candelabros, ferozmente ouriçados.

Grandes e pequenos, todos os cactos me encantam. Guardo na memória o sabor do cortado de palmas, a graça dos quipás de coroa festiva, a religiosa admiração que sempre me comunica o rubro fervor das cabeças-de-frade, capazes de aninhar-se angelicamente até em côncavos de lajedo.

Ainda na trilha euclidiana, homenajeio tremendos arbustos: unhas-de-gato, favelas, xiquexiques. Saúdo a falange feroz, armada de garras agudas que prendem e laceram. Mas feito o louvor, eu prudentemente me afasto; volto-me para os mulungus generosos, de cujo feijão vermelho também já me alimentei. E por fim me socorro da beleza de touças amáveis da bela Jurema, sempre fascinante, na forma branca, na forma preta, na forma mimosa. Ela me responde com o ritmo forte do toré, abrindo as veias de que escorre o mel de celestes abelhas. Abençoa-me a bela rainha de seios floridos, o Espírito Santo do sertão.

## SONATA ARBÓREA NÚMERO 10

*Para Tom Correia*

Árvores de Natal nunca me atraíram muito. No Recôncavo, no grande sertão, na Chapada Diamantina, nos lugares encantados de minha infância, elas não eram comuns. Demoraram a aparecer por aquelas bandas. E tiveram de competir com magníficos presepes, cada qual mais bonito. O de minha mãe tomava metade da sala. A cada ano se fazia diferente, embora sem fugir ao cânon. Destacava-se entre todos por sua singular beleza: nascia das mãos de uma artista.

Sim, eram inesquecíveis os presepes de Dona Ester. Móveis articulados de forma insólita, caixas, escadas, tábuas, cestos, todo tipo de treco improvável compunha a bricolagem de seu esqueleto, logo recoberto de papéis pintados, com panos e gomas de recheio. Sobrepunham-se musgos, cascas, orelhas de pau, barbas de macaco, seixos, flores, folhas e búzios. Jarros embutidos fingiam arvoredos espessos. Espelhos viravam lagos, praias de areia fulgurante surgiam no meio de brenhas. Pedras formavam serranias de rico relevo, entre florestas que abrigavam animais líricos, bonecos engraçados, pássaros multicores. Zebras e leopardos, girafas e leões conviviam fraternos. Anjos com seus alaúdes se misturavam às feras, cidades inteiras apareciam de surpresa. Uma árvore de natal podia ser incorporada a esse pequeno cosmos, em que ganhava dignidade máxima. Na gruta reinava o Menino Jesus: um risonho bebê junto a seus pais, recebendo a suave adoração do boi, do burro, dos pastores com suas ovelhas, de reis e camelos.

Hoje, o Menino perdeu a festa. Roubaram-lhe o aniversário. Quase ninguém se lembra dele. Em seu lugar reina um palhaço balofo, com um *ho ho ho* estúpido, um propagandista desonesto que chama ao consumo desbragado, um sacerdote da hipocrisia. Me dá nojo sua pieguice. Celebro a argúcia dos ingleses que deram ao diabo — ninguém menos — o seu apelido tradicional de “Old Nick”. A minhas filhas, desde cedo eu denunciei o pilantra: sempre o tratei de bundão pra baixo. Com ele não quero acordo. Mas acolhi com deleite as imagens de membros esquecidos de sua família arcaica: os noéis islandeses que Marina me apresentou num lindo calendário. Festejo esses alegres demônios natalinos que pintam o sete, pregam peças, entornam o caldo da festa, se emborracham com os licores da casa e roubam a comida, mas nunca se fazem de santos, nem enganam crianças. Às gargalhadas, eles perturbam, mas também animam os humanos, feito uns macunaímas do gelo, maravilhosos exus do polo norte. O Papai Noel que triunfou no mundo burguês e fez dos shoppings seu santuário traiu o clã. Não tem vergonha na barba.

Deixa pra lá, não quero desviar-me do assunto. Volto às árvores de natal. Conheci algumas

dignas, sinceras. Ao abrigo de sua copa florescem os presentes trocados em família, numa noite em que todos se beijam antes de encher a pança para a maior glória de Deus. Então elas se enfeitam de risos, ficam bonitas, seus frutos multicores parecem vivos. Têm o sabor do vinho, do peru alcoolizado, da cerveja fraterna, a que às vezes se misturam nossas lágrimas de saudade. Embirra, porém, com as imensas árvores dos shoppings, rodeadas por figuras piegas de equívoca mitologia. Espero que os heroicos sequestradores de anões de jardim se lembrem de atacar esses redutos. Fica a sugestão.

Está bem, não quero ser enjoado. Reconheço que os decoradores às vezes fazem belos arranjos. Talvez o mau humor que me ataca nos santuários do natal moderno seja efeito do ar empestado por musiquinhas chatas nesses templos do consumo, no período das Boas Festas.

Agora vou me contradizer. Confesso que me lembro com amor de arvorezinhas desengonçadas, pequeninas: pinheiros nanicos, artificiais, com algodão nos ramos, sugerindo uma impossível nevasca no calor dos dezembros sertanejos. Seus escassos enfeites são meia dúzia de bolas coloridas. Foi assim que o novo símbolo natalino chegou a casas pobres do sertão, do recôncavo. Podem dizer: mais kitsch que isso, impossível.

Não importa.

Declaro francamente que coisas cafonas às vezes me tocam.

As penteadeiras de puta, por exemplo. Elas se tornaram símbolo do kitsch arquitetônico: costuma-se dar esse apelido a edifícios bisonhos, decorados com excesso, sarapintados de extravagância. Mas as autênticas penteadeiras de puta que vi me comoveram. Tento na minha memória fazer o inventário de seu curioso acervo, misturando lembranças de forma confusa. Vejo espelhos enfeitados com penduricalhos, adesivos multicores, fitas do Senhor do Bonfim. Anoto no móvel que os incorpora os porta-retratos de moldura metálica meio rococó protegendo a figura do ídolo, ou do namorado, marcada a batom. Ao lado, a foto de um bebê e a infalível imagem de Santo Antônio, em meio à bijuteria espalhada na pequena mesa, perto da bailarina de louça cuja dança se perde entre escovas, pentes, trens de maquiagem, frascos de perfume barato, bibelôs, flores de papel e uma caixinha misteriosa enlaçada com fita vermelha. À volta, colares, patuás, berloques, argolas, pulseiras.

Não, minha gente: nenhum kitsch arquitetônico chega a ser tão lírico.

Uma árvore de natal atrofiada junto a uma penteadeira de puta num randevu do interior já é um poema completo.

Mas arre, estou de novo a desviar-me do assunto. Toda essa conversa era pra falar de pinheiros, o tema da sonata. Entendam minha dificuldade: dá-se que praticamente não há coníferas em minha terra. As que conheci na infância eram compradas em lojas. Me pareciam — e em parte eram — artificiais. Seus frutos — metálicas bolas coloridas e lâmpadas piscantes — sempre achei

bonitos. Dona Ester os pendurava em arbustos da manga vizinha, ou do mato próximo, em cujos ramos desordenados eles me pareciam mais vivos, com uma graça inesperada. Essas agrestes árvores de natal continuam sendo, para mim, as mais belas de todas.

Perdoem-me as senhoras coníferas. Não vou regatear a homenagem que lhes devo. Apenas registro a demora de nosso encontro decisivo.

Começo pelas araucárias, que só adulto conheci, no sul do país. Me impressionaram por sua altivez e por seu desenho extravagante. São bonitas essas magrelas, de uma graça austera. Quase todas estudam para candelabro. Gostei de seu cabelo black-power.

Salto para o campo da arte.

Muito me impressionou o pinheiro de Cézanne por sua corajosa angústia, sua brava agonia numa tempestade imóvel, eterna. O vento que a pintura captou (sei lá como) tem um sibilo ameaçador, terrivelmente silencioso, e provoca um frio danado, embora irreal. Recomendo a quem visita esse pinheiro no MASP que vá de casaco.

Ao vê-lo me lembrei de outro, um seu irmão italiano que a poesia de Salvatore Quasimodo consagrou. Torto, com o feitio de uma arma rigorosa — o arco férreo que lança flechas com tremendo impacto — ele ausculta o abismo:

*In alto c'è un pino distorto  
sta intento ed ascolta l'abisso  
col fusto piegado a balestra.*

Ele é refúgio de aves noturnas. Já o proclama o título do poema, repetido no primeiro verso do segundo terceto: *rifuggio d'ucceli noturni*. Note-se a sonoridade que a nossa língua não reproduz: o fonema /u/ ecoa três vezes de modo sombrio e o câmbio rítmico produzido pela vogal aberta no meio do verso suscita um rápido adejo, com a sábia contribuição das palatais que se abrandam em sequência, em contraste discreto com os pontiagudos /i/. Vale a pena contemplar o terceto inteiro:

*rifuggio d'ucceli noturni  
nell'ora più alta risuona  
d'un batere d'alli veloce.*

No terceto final, espelha-se o tronco recurvo num inesperado análogo: uma associação incorpora ao poema o enunciador. O som das asas que a árvore abriga repercute no coração aninhado noutra espécie de tronco: no peito do poeta:

*Ha pure un suo nido il mio cuore  
sospeso nel buio, una voce;  
sta pure in ascolto, la notte.*

Chamo a atenção para um jogo subliminar: segundo nos revela, tanto no italiano quanto no português, a etimologia do verbo apenas sugerido, silente mas incontornável, o pinho dos pássaros *ricorda*. Também nisso é igual ao peito. Sente-se o tácito *ricorda* na descrição da árvore que *risuona* e no *cuore* que lhe corresponde... com *una voce*. *Suo nido* se aproxima veladamente de *suono* e implica a voz atenta, que misteriosamente escuta (está *in ascolto*) na escuridão (*nel buio*). E a treva em que o ninho/coração se acha *sospeso* equivale ao abismo que o *pino distorto* ausculta. De modo retroativo, sente-se pulsar a árvore curvada entre noite e abismo. A imagem devém inesquecível.

Dois grandes artistas me revelaram nos pinheiros um soturno sentimento do mundo. Mas neles também encontrei alegria. Festejo ainda a pujança da vida que comunicam estas árvores no inverno da Noruega. A taiga verde em campo de neve me deslumbrou. A fria noite entre Oslo e Elverum mostrou-me os gigantes desafiadores suportando, com soberana indiferença, capas de neve nos ramos soberbos — com jeito de quem leva nos ombros um xale branco, por pura e irônica elegância. Ao contrário dos pinheiros patéticos dos artistas que evoquei, aqueles eram palácios vivos de uma riqueza deslumbrante. Incorporei sua visão ao presepe de minha memória.

## SONATA ARBÓREA NÚMERO 11

*Para Lima Trindade*

A poesia de William Carlos Williams reconduziu minha atenção para as árvores de Boticelli. Foi uma segunda revelação. Eu já tinha apreciado a beleza delas em diferentes momentos. É evidente sua importância na composição pictórica de muitos quadros do florentino. Na famosa *Madonna Bardi*, por exemplo, o arvoredo que se descortina ao fundo delinea nichos de folhagem cuja forma quase arquitetônica “acolhe” — emoldura, do busto para cima — a imagem da Virgem e as dos santos que a “ladeiam”. (São necessárias as aspas: muito embora os dois beatos se situem em plano anterior ao da *Madonna*, parecem mesmo flanqueá-la).

Na configuração desse templo-jardim lê-se com clareza a correspondência entre os planos do espaço pictórico e passagens de ordem temporal: as figuras em perspectiva evocam distintos tempos da narrativa evangélica. No primeiro plano, onde se acham o Batista e o Evangelista, há mais um signo indicativo, um lembrete patético: um pequeno quadro, protegido por uma espécie de zimbório minúsculo, mostra a figura do Crucificado, pouco à frente do piso marmóreo calcado pelos dois santos. Atrás dos beatos (no segundo plano), entronizada e quase aninhada em seu *hortus conclusus* — todavia distante —, a Virgem se prepara para amamentar o Menino. Ao fundo, as árvores fazem a teológica sincronia dos momentos destacados. Remetem à eternidade, “recolhendo” as imagens de Maria e dos santos, que assinalam momentos sucessivos: a primeira evoca a infância, as outras lembram a vida adulta de Cristo.

As plantas não se limitam a esse papel. Participam do discurso. Os vegetais representados nesse quadro não foram eleitos de forma aleatória: guiou sua escolha um código simbólico preciso. Não por acaso, no “nicho” vegetal da Virgem destacam-se os castos lírios e o mirto que ela herdou de Vênus.

É rica de sentido a flora boticelliana. Recorde-se a pintura conhecida pelo nome de *Provações de Moisés*, uma das joias da Capela Sistina: as árvores reúnem as diferentes cenas, organizam o conjunto. Cedo aprendi a observar esses elementos de composição, que nada têm de “pormenor”: tive bons mestres e sou filho de pintora. Mas o poema de William Carlos Williams intitulado *The boticellian trees*, que li bem mais tarde, mostrou-me essas criaturas sob nova luz.

Espaçados, os dísticos lançam seus brotos que se hasteiam com ímpeto musical e fazem crescer o enunciado. O curso lírico evolui de inverno a verão. O poema se arvora e as árvores se assimilam ao canto: moldam-lhe a escrita (quase digo a partitura) e dela se vestem. Vemos / ouvimos o alfabeto das árvores, percebemos seu desmaio sutil na sonata das folhas, encontramos as hastes das finas letras, que há pouco disseram inverno e frio, agora iluminadas, graças a chuva e sol,

por acentos de pontiagudo verde. Acompanhamos o câmbio, provocado por cismas de cor, das simples, mas rigorosas réguas dos ramos. Seus possíveis pinçados por cláusulas devotas dão lugar a sorrisos de amor, destacados, via uma barra, de pontos/gestos reticentes, uns respingos de pincel. Chegamos assim ao momento em que as frases nuas deslizam feito pernas de mulher debaixo da roupa, no tom de súbito, secreto, louvor do desejo, celebração do erótico império — e vamos logo verificar o verão, em que a cantiga se canta a si mesma (por sua conta, mas já na concha de nossas orelhas). O canto poderoso floresce sobrepondo-se ao marasmo das palavras murchas.

Como vêm, parafraseei o famoso poema de modo livre, com infiel apreço, ultrapassando alegremente os limites literais. Se o fosse traduzir do modo usual, teria de acompanhar-lhe o ritmo caprichoso com atenção para as delicadas síncopes, imitando a expressiva distribuição dos signos tanto no campo sonoro quanto no espaço da página. Não me apartaria tanto como agora do senso comum transliterário. Mas não estaria livre de perdas, semânticas e musicais. Sabendo que tento o impossível, preferi outro caminho, menos convencional: procurei aproximar-me do texto como quem segue acenos de folhas, ramagens de gestos, pétalas de cor, em busca da senda arbórea que leva dele a Boticelli. A caminhada foi mesmo errante, mas não infrutífera: assim eu chego à Primavera.

Reparem, estamos num laranjal. Duas figuras masculinas fazem gestos de colheita. Mercúrio pega uma fruta, Zéfiro colhe a bela Clóris, que soergue enquanto lhe sopra seu aéreo desejo. Ao lado, Flora é toda flor. Têm beleza de plantas delicadas as Graças / Horas dançarinas: são grandes lírios a mover-se com um ritmo misterioso. E a majestade de Vênus, a figura central — que o terrível filho sobrevoa feito uma abelha — é acentuada pelas árvores que a aureolam.

Confesso: tenho muita saudade da formosa Simonetta Vespucci, modelo de Vênus, musa diletta de Boticelli. O tempo que nos separa não impede a nostalgia. Chego a crer que tenho com ela um remoto parentesco. Simonetta era prima distante do Américo que andou por aqui, um dos primeiros europeus a trilhar o grande golfo a cujas margens eu vivo. Sou grato ao equívoco do comandante Gaspar de Lemos e do seu ilustre cartógrafo: se eles não se enganassem quanto à dimensão de nosso nicho geográfico, nós, filhos da Bahia, seríamos hoje golfinhos. Gosto do bicho, que é muito simpático, mas acho que o nome *baiano* fica melhor na gente.

Minha hipótese: ao chegar aqui, o grande navegador, talvez por obra da mesma saudade que ainda sinto, julgou ver um sorriso da prima na aurora tropical — e graças a Vênus, sua indiscutível Rainha, teve o devaneio que mais tarde nos deu nome: distraiu-se e nos tornou baianos na grande pia batismal de Todos os Santos.

Boticelli retratou muitas vezes a bela Simonetta, que historiadores apaixonados indentificam alegremente em várias telas, enquanto outros peritos os acusam de exagero. Com franqueza, prefiro os exagerados. Sou o pior de todos: creio até que já vi a moça passeando na Barra. Neste caso,

admito que posso ter-me enganado. Mas digam vocês: como não reconhecer a linda modelo de pé na concha do Nascimento de Vênus? Ou na Madonna do Magnificat? Apesar dos críticos severos, eu a vejo até na Anunciação do Retábulo Cestello, em que a Virgem responde com uma dança graciosa ao gesto reverente do anjo, enquanto uma árvore, ao longe, aponta o céu.

Mas agora chamo a atenção para os retratos que fez da linda Vespucci outro mestre. Embora eu não compartilhe a admiração de W. H. Auden pelos bosques brutais de Piero di Cosimo, acho que ele merece o paraíso por outras obras, em particular por dois retratos de sua lavra da "mais bela mulher da Renascença". Um desses retratos se acha, creio eu, em Florença mesmo, na Galleria degli Uffizi. No Museu Condé, em Chantilly, vê-se a tela em que Simonetta empresta sua formosura a Cleópatra. A bela mulher tem o seios nus e uma víbora envolve seu pescoço, entrelaçando-se a um colar dourado. Seu perfil se recorta contra uma mancha tenebrosa, escuro fumo a destacar-se das nuvens, feito um signo agourento. Ao fundo, vêem-se alguns pinheiros. Uma árvore seca se ergue à direita. O chão é árido. O pintor selvagem, como o chamavam os seus conterrâneos, mostra estranha delicadeza no desenho da expressão da grande rainha, melancólica mas serena.

Terá Simonetta posado assim? Imobilizada pela eternidade neste quadro de acentos trágicos, a linda mulher tem jeito de árvore majestosa, afrontando com suave firmeza a secura do mundo à volta. Parece uma ninfa perdida, saudosa das *boticellian trees*.

## SONATA ARBÓREA NÚMERO 12

*Para Helena, minha filha querida*

Na minha lembrança nasceu um plátano. Sua primeira aparição se deu na Europa. Como pouco sei de botânica e esta árvore não é comum no meu país (muito menos em meu Estado), precisei da dica de um conhecedor para saber que se tratava de um *Platanus orientalis*. Não me recordo mais de quem me deu a informação, porém a árvore mostrou-se decidida: criou raízes profundas em minha memória. Tanto que nasceu de novo na sua leira mais recôndita: no corpo de um sonho. Tentarei resumir:

Eu caminhava por uma estrada campestre, num relvado à beira de um rio adolescente. Contemplei com alegria seu espelho. De súbito, não sei como, o plátano rompeu caminho no improvável espaço, como se nascesse das areias úmidas, já altivo e florido.

Fantasia, por certo, mas cheia de vigor, com um desenho noturno e o viço da realidade. Logo intuí que ela brotava de uma lembrança. Ainda assim, a aparição trazia surpresa: a árvore inesperada também sonhava. Sei disso porque ela sorriu. Tomou a forma de uma bela mulher, majestosa, de uma imponência sublime. O vulto magnífico deixou-se ver por um instante e logo desapareceu. Mal tive tempo de saudá-la com uma reverência prudente. O arrepio que senti na espinha não permitia engano: foi o toque da divindade.

(Amigos, guardem esta dica: quando a gente se arrepia em sonhos, é sinal certíssimo de que passou por nós um sopro divino. É o alerta de um belo perigo, de um encanto poderoso. O sinal de um *numen*, como diziam os romanos. Outra dica valiosa: quando uma árvore sorri, é que tem natureza de mulher. De moça bonita. Podem crer).

Despertei no mesmo instante. Reconheci sem a menor hesitação a beleza eterna que me aparecia pela segunda vez em corpo de árvore. Sim, repito: pela segunda vez. Mas de forma inaugural. Pois só nessa ocasião, em seio de sonho, ela me veio a ser manifesta.

Meus leitores por certo se lembram do que Proust mostrou na famosa narrativa de sua descoberta — feita em clave de retorno — da Sonata de Vinteuil. Se tiverem na memória a revelação proustiana, não vão estranhar o que digo: foi mesmo em sua segunda aparição que enxerguei o divino plátano. Eu o vi, portanto, de olhos fechados. Mas como Proust também indica, se no primeiro momento eu não tivesse de algum modo acolhido a visão maravilhosa — mesmo sem a conscientizar — nunca a alcançaria em outro momento. Se não a tivesse pré-visto, eu não poderia sonhá-la.

A imagem que descortinei no campo da noite veio a ser a original. Ela me abriu o conhecimento da primeira visão, ou seja, da que foi lograda na face diurna do tempo. Mostrou a novidade ainda oculta na aparição anterior, tornou patente a epifania. Conclusão perturbadora,

(sobretudo para quem se recorda de uma árdua questão kantiana): o sonho pode, sim, ser mais real do que a vigília.

Quando despertei com a lembrança do plátano, versos de Homero ressoaram no meu coração. Pouco depois eles deram lugar a outra música, que vestia palavras da mesma língua. A nova melodia vinha de um tempo diferente, já muito longe da sonora luz homérica: chegava de uma época em que o esplendor da Grécia soberana parecia um sonho aos olhos dos próprios gregos. Era um tempo em que eles sonhavam a antiga Hélade com criativa saudade. Só então, iluminado de poesia, reconheci a árvore de Helena.

Explico de novo: quando encontrei aquele plátano em provável terra europeia, não percebi o que tinha de único. Há coisas que só a memória enxerga. Um dos recursos mais poderosos que ela emprega para fazer-nos ver é o jogo com seu oposto: o esquecimento. Apagaram-se em mim o lugar, o dia, a circunstância do plátano, de meu encontro direto com ele. (Para falar a verdade, não tenho certeza de que o vi na Europa. Pensando bem, pode ter sido em São Paulo, ou no Rio Grande do Sul. Mas minha memória deseja que o encontro encantador tenha ocorrido na Grécia). No seio do esquecimento, banhada em sonho, a imagem da árvore imponente retornou purificada, pronta para mostrar-me sua divina beleza, sua luminosa forma de mulher.

Existe, sim, um esquecimento memorioso.

Devo aclarar a evocação que me confirmou a identidade do plátano. Já não me lembro de quantas vezes li, reli e estudei, com paixão sempre renovada, tanto a *Ilíada* quanto a *Odisseia*: esses poemas nunca ficam longe de minha cabeceira. Foi neles que conheci Helena. Estudando o tesouro dos mitos gregos, não demorei a convencer-me de uma tese que o sábio sueco Martin Nilsson foi o primeiro a enunciar e hoje é avalizada por outros eruditos notáveis, a exemplo de Martin L. West e Linda Clader: antes de tornar-se a heroína que gregos e troianos disputaram numa guerra terrível, Helena foi uma deusa.

Sinais disso já se veem em Homero. Na *Ilíada*, ela é um espelho de Afrodite. Na *Odisseia*, ela manipula o miraculoso nepentes, que suprime as dores todas. Mas sua ligação com o plátano eu a descobri em Teócrito.

O poema do mestre de Cós que me veio à lembrança na madrugada do sonho foi o *Idílio XVIII*, que imita / imagina um epitalâmio, ou seja, um canto nupcial. O poeta se reporta ao modelo dos líricos arcaicos (em particular Safo, Alcman, Estesícoro).

Teócrito nos faz crer que o epitalâmio de sua lavra é cantado por um coro de meninas-moças, companheiras de Helena, durante o casamento da filha de Zeus com Menelau. As jovens falam do noivo em tom jocoso e o felicitam, mas dedicam quase o canto inteiro a celebrar Helena, que está deixando sua classe de idade. Confessam sinceramente que nenhuma delas se compara à

noiva na beleza, na graça, nas artes femininas. Concluem com votos de felicidade dirigidos aos noivos e com a promessa de retornar na alvorada para despertá-los cantando o himeneu.

Em outro espaço pretendo dedicar-me à análise desse idílio. Aqui vou limitar-me a assinalar dois elementos da sua trama poética. O primeiro deles corresponde ao enunciado dos versos 32-3. Aí as jovens cantoras falam de uma corrida para a qual se preparam unguindo-se com óleo à maneira dos homens, às margens do Eurotas. O segundo elemento corresponde ao trecho entre os versos 39 e 48. Aí elas anunciam sua intenção de ser as primeiras a trançar, em honra da noiva, um guirlanda de trevos, e dedicá-la em seguida — vertendo óleo puro — aos pés de um umbroso plátano em cuja casca se lia a inscrição: *Venera-me, eu sou a árvore de Helena*.

Ambos os elementos que destaquei correspondem a liturgias do culto da filha de Zeus: o poeta faz de conta que esses ritos foram inaugurados por ocasião das bodas da toda formosa. A referência ao plátano de Helena, que deve ser venerado, mostra a profunda ligação da rainha divina com a planta.

Advirto: reconhecer essa ligação não implica em corroborar a ideia de que Helena seria uma deusa dendrite, como propuseram alguns estudiosos. A categoria “deusa dendrite” foi apressada criação de mitólogos: muitos numes têm epifanias arbóreas, mas divindade nenhuma se limita a essa condição.

Calma, não vou discutir o assunto nesta pequena crônica. Apenas verifico que a fascinante Senhora tinha misteriosa ligação com uma árvore: não por acaso uma planta especial lhe foi consagrada. Talvez por isso (e graças ao poeta) um remoto plátano, escondido em minha memória, me fez sonhar com a bela rainha. Depois, a coisa se agravou: como sou brasileiro, baiano e nada ortodoxo, passei a vê-la em pitangueiras e ipês.

Certas árvores têm jeito másculo, a exemplo de um coqueiro da minha infância que apelidei de Júlio César, ou do mandacaru florido que batizei em Tucano, no sertão da Bahia, com o nome de Graciliano Ramos, depois fazer-lhe um brinde com a mais pura cachaça. São maioria, porém, as plantas que me fazem pensar em damas.

(O contrário também acontece. Certa vez eu me deparei, em Lyon, com uma senhora idosa, risonha e elegante, que alegrava a paisagem com seus cabelos pintados de roxo. Era uma típica sapucaia. Quase escrevo uma louvação à sapucaia francesa).

Mas chega de digressões. Quero encerrar minhas sonatas arbóreas com a lembrança grega da mulher fascinante, a uma vez deusa e heroína, que deslumbrou povos e gerações sem conto: um símbolo da Hélade que tanto amo e a primeira xará de minha filha Helena.